

## EDITORIAL

No editorial da Revista *Enfrentamento* nº 7 de jul/dez de 2009, já dizíamos: “Contra os agentes do capital, somente *O Enfrentamento* é realista. Toda forma de coalizão é mero idealismo ou puro oportunismo”. Esta assertiva se afirmou com clareza vítrea nas jornadas de lutas populares de junho de 2013. Toda a mobilização popular que comoveu o Brasil só demonstrou como aquela afirmação é verdadeira.

Quem são os agentes do capital? Naturalmente a classe dos capitalistas e o conjunto de classes auxiliares da burguesia: burocracia (estatal, empresarial, partidária, sindical etc.), intelectualidade (cientistas, jornalistas, artistas etc.). Todas estas classes que se colocam no campo das classes dominantes, seja materialmente ou ideologicamente, se viram obrigadas a recuar diante da força da população organizada nas ruas.

Como é de conhecimento público, o estopim para o início das mobilizações foi a questão do aumento das tarifas de transporte coletivo em várias cidades brasileiras. Começou-se, já no mês de abril, um conjunto de ações de grupos auto-organizados convocando protestos para reduzir os preços da tarifa onde estes haviam aumentado ou para impedir que os mesmos aumentassem, onde ainda não havia ocorrido alteração nos valores. Um uníssonos foi ouvido da boca dos agentes do capital: “não reduziremos o valor das tarifas”. As mobilizações, protestos continuaram nos meses de maio e junho. Resultado: em todo o Brasil não houve aumento de tarifa. Nos lugares onde aumentaram, os empresários do transporte, os prefeitos, os governadores de estado e a presidente da república disseram em um novo uníssonos: “tudo bem, vamos manter o valor antigo”. Onde não houve aumento, disseram: “deixem o preço no valor em que está”. E em algumas cidades houve redução em relação aos valores que predominavam.

Mas também os meios oligopolistas de comunicação viram-se obrigados a recuar diante de suas posições iniciais. Durante os meses de abril e maio, quando os protestos ainda eram mais localizados, mas sobretudo após os protestos na primeira semana de junho em São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte etc. a mídia nacional condenou de modo absoluto a radicalidade das ações dos manifestantes.

Contudo, na segunda semana de junho, quando as manifestações adquiriram dimensões continentais, recebendo o apoio de imensas parcelas da população, quando na verdade, o conjunto da população trabalhadora se tornou manifestante, os meios de comunicação viram-se obrigados a recuar em suas posições e passaram a “apoiar” (as aspas são mais importantes do que a palavra que está entre elas) as manifestações. Ou seja, recuaram ante a população mobilizada.

Assim, “somente o enfrentamento é realista”. Nenhum outro tipo de ação é realmente ação do ponto de vista das classes exploradas e oprimidas. A via institucional (eleições, recorrer a órgãos públicos como Ministério Público, PROCOM, ações via partidos ou sindicatos no poder ou na oposição etc.) não leva a absolutamente lugar nenhum. A prova disto foram as jornadas de junho. Até então, a normalidade da dinâmica institucional do capitalismo caminhava a décadas sem grandes distúrbios. Tal normalidade foi abalada e o poder (do estado e do capital) viram-se afligidos diante dos fatos.

Somente a auto-organização, a ação direta é insurrecional. Este *Enfrentamento* que entregamos agora ao leitor tem a intenção de afirmar esta *práxis*. Os textos aqui reunidos foram escritos no calor das ações. O tempo de reflexão foi o tempo de observação e análise dos processos que corriam pelas ruas das cidades brasileiras. Tem também a intenção de apontar as tendências para onde caminham tais mobilizações... Estas tendências são, na verdade, o elemento central, pois é a partir delas que devemos nos organizar e mobilizar. Os grupos radicais (anarquistas, autonomistas, autogestionários, independentes etc.) que querem realmente apresentar-se como força política diante dos acontecimentos devem observar com clareza quais as tendências que se espreitam no horizonte para se posicionarem a afirmarem a tendência à radicalização e ampliação dos protestos.

Este *Enfrentamento* não pretende ser uma análise neutra dos fatos. Pelo contrário, pretende ser uma proposta de ação, de intervenção, de ampliação, de radicalização dos protestos para além de si mesmos. Como já disse Marx, a teoria, por si só não muda nada, mas quando se apodera da cabeça das massas, converte-se ela própria em força material. Ou seja, a teoria é também mobilizadora e é por

isto que colocamos à disposição de todos e todas que querem radicalizar ainda mais o processo de mobilização para que esta tenda para a instauração de um processo, uma onda revolucionária.

Se o *Enfrentamento* é realista, é também a única forma digna de as classes trabalhadoras se colocarem diante do poder. A máxima, portanto, deve ser: “o poder não há que conquistá-lo, há que destruí-lo”.

Sem mais delongas, boa leitura e disposição para a luta.